

Editorial

Morfologia Urbana: da experiência vivida à construção do conhecimento

Eneida Maria Souza Mendonça 

Michela Sagrillo Pegoretti 

Vitor de Toledo Nascimento 

Linda Emiko Kogure 

Editores da Revista de Morfologia Urbana



<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i2.510>

*“É só através de nós que caminhamos!”
(Fernando Pessoa)*

Entre viagens e percursos que escolhemos trilhar, inspirados especialmente na seção **Perspectivas** deste número, apresentamos a edição 13.2 da **Revista de Morfologia Urbana** contendo sete seções a serem exploradas pelos leitores: **Seção aberta, Perspectivas, Relatórios, Resenhas, Lançamentos, Notícias e Seção especial.**

A Seção aberta contempla uma tradução e quatro artigos inéditos.

Em “Investigando o uso e a apropriação do Parque Pajeú (Sobral-Ceará)”, Hemerson Moraes Araújo, Geisa do Nascimento Frota, Aldecira Gadelha Diogenes e Afrânia Gadelha Diogenes pesquisam aspectos de uso e apropriação do Parque Pajeú, localizado em Sobral, no estado do Ceará, estabelecendo diálogos entre a configuração espacial e a ocupação humana. Para tanto, tomam como referencial teórico a Morfologia Urbana e a percepção ambiental e estabelecem a análise espacial do parque e seu entorno, além da aplicação de questionários a seus usuários. Os resultados são importantes para apontar a necessidade de soluções sob o ponto de vista da acessibilidade, do desconforto térmico e da insegurança dos usuários.

Do Ceará vamos ao oeste paulista abordar as “Dinâmicas da Morfologia Urbana em Assis: café, ferrovia e desenvolvimento territorial”. Inserido no contexto da expansão da cafeicultura e da implantação da Estrada de Ferro Sorocabana, entre o final do século XIX e início do XX, os autores Gisele Carignani e Caio Cesar Tomaz de Oliveira tomam a cidade

de Assis como objeto de análise desse trabalho. Entre as estratégias metodológicas adotadas, recorrem aos preceitos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, realizam uma reconstrução cartográfica da evolução urbana da cidade e examinam a forma urbana de Assis, fortemente marcada por um modelo ortogonal tradicional, a partir de quatro níveis morfológicos: plano urbano, quadras, lotes e uso do solo. Os resultados indicam que a ferrovia exerceu papel estruturador no crescimento e na organização espacial da cidade de Assis. Contudo, o declínio do transporte ferroviário e a posterior desativação da ferrovia revelaram áreas ociosas de grande extensão, que hoje se apresentam como espaços estratégicos para intervenções e projetos de requalificação urbana, inclusive para outras cidades paulistanas de configuração histórica e urbana semelhante.

Ainda em São Paulo, partimos para Campinas onde a prática pedagógica fundamentada nos chamados “Exercícios Gramaticais” para o ensino da Morfologia Urbana é a temática central trazida por Jonathas Magalhães Pereira Silva em: “Ensino da Morfologia Urbana e os espaços públicos urbanos: uma abordagem pedagógica por meio de Exercícios Gramaticais”. Ao resgatar o conceito dessa proposta inicialmente apresentada pelo professor Sílvio Soares Macedo na década de 1990, Jonathas parte da sua experiência em sala de aula construída com outros colegas e apresenta três aplicações do método em escalas distintas: cidade-bairro, quadra urbana e ambiente local. Nesse processo, o professor atua como mediador apresentando desafios gradativos aos alunos a partir de uma situação criada, que envolve o suporte de diferentes elementos morfológicos, a depender da escala

de abordagem. Com isso, potencializa práticas reflexivas e projetuais nos espaços públicos urbanos pelos discentes. Com imagens gráficas e de maquetes, apresenta a didática aplicada e o campo da Morfologia Urbana como relevantes contribuições na formação de profissionais capazes de compreender e intervir nas cidades de maneira crítica e fundamentada.

De São Paulo vamos para a região nordeste, na cidade de Natal, abordar a questão cicloviária no espaço urbano: “Bicicleta para voar, ciclovia para não morrer: um estudo sobre acessibilidade topológica, colisões e produção do espaço urbano com foco na especulação imobiliária”. O artigo, de autoria de Agatha Knox Figueira e Edja Bezerra Faria Trigueiro, analisa a relação entre forma urbana, acessibilidade topológica e presença de infraestrutura sob o ponto de vista da pedalabilidade, evidenciando seus efeitos sobre a segurança dos ciclistas. Apoiado em um quadro teórico que aborda a mobilidade urbana contemporânea marcada pela hegemonia do automóvel, fragmentação urbana e desigualdades de infraestrutura, as autoras apropriam-se de estratégias metodológicas como aplicação de questionários, de entrevistas e da sintaxe espacial para articular a análise de dados espaciais a exemplo de localização de colisões, infraestrutura, acessibilidade e distribuição de renda. Os resultados apontam a concentração da infraestrutura cicloviária em áreas de maior renda e a permanência de regiões dependentes da bicicleta sem atendimento adequado, bem como a ocorrência de acidentes em vias de alto fluxo e atravessamento sem proteção suficiente. O estudo evidencia, assim, um modelo de mobilidade excludente associado à especulação imobiliária e reforça a necessidade de políticas públicas mais equitativas e voltadas à segurança viária.

O artigo “Desenhando linhas em mapas: regiões morfológicas e práticas de planejamento”, de Peter J. Larkham e Nick Morton, traduzido por Michela Sagrillo Pegoretti, Vitor de Toledo Nascimento e Karin Schwabe Meneguetti, explora a complexa relação entre a prática de traçar limites e definir regiões morfológicas, em mapas, com ênfase no planejamento urbano e na preservação histórica. A partir de estudos

de caso na Inglaterra, os autores analisam as divergências na delimitação de certos limites, frequentemente estabelecidos de forma rápida por *softwares* e orientados por fatores políticos e objetivos diversos. Nesta perspectiva, as decisões para os autores tendem a conveniências cartográficas superficiais, desconsiderando a existência de uma lógica morfológica clara ou consensual. Por fim, concluem que uma delimitação eficaz exige clareza quanto à finalidade da área e o reconhecimento de que os limites urbanos são, por natureza, dinâmicos e flexíveis, necessitando de revisões periódicas que impõem desafios constantes a morfologistas urbanos, geógrafos e gestores da paisagem urbana.

Na expectativa de potencializar nossa forma de ver a cidade por meio do caminhar e do olhar atento, Leonardo Loyolla Coelho e Jorge Correia trazem suas enriquecedoras percepções da forma urbana mediadas por viagens na seção **Perspectivas**. Nesta medida, em “Expandindo horizontes: o viajar como ferramenta de investigação da forma urbana”, Leonardo, que teve como principal inspiração o professor Silvio Soares Macedo, nos conta sua experiência com registros fotográficos aéreos e percepções de modos de vida ao nível dos olhos. Entre viagens abrangendo cidades da Ásia, África, Estados Unidos e latino americanas, destaca reflexões reveladas como processos e padrões de urbanização, modelos de planejamento, identificação de apagamentos históricos e diversidades tipológicas específicas. Tais conformações morfológicas revelam problemáticas de territórios em transformação, apreendidos pela percepção da forma urbana.

Já Jorge Correia, em seu artigo “Percepção da Morfologia Urbana: a viagem como mediação cultural”, destaca o papel das viagens na compreensão da paisagem cultural das cidades, entendida como resultado das mais diversas formas de ocupação do espaço urbano. Para o autor, as cidades revelam diferentes realidades culturais, o que possibilita comparações e amplia o olhar crítico sobre o espaço urbano. Nesse sentido, quando realizadas sob uma perspectiva crítica, tendem a contribuir para o desenvolvimento de uma percepção mais sensível e consciente da cidade, envolvendo práticas de observação, interpretação, questionamento e avaliação,

fundamentais para a formação de estudantes, técnicos e profissionais das áreas de projeto e planejamento urbano.

Com o intuito de registrar os principais eventos morfológicos realizados anualmente, a seção **Relatórios** sintetiza momentos do PNUM 2025, ocorrido no Porto, em Portugal, entre os dias 25 e 27 de junho. Enquanto o relatório de Vítor Oliveira apresenta a estrutura na qual se deu o evento: “PNUM 2025: para além da forma – território e desafios sociais”, os outros dois relatórios se debruçam a apresentar percepções das visitas técnicas realizadas no centro histórico da cidade do Porto.

Assim, Vítor Oliveira contextualiza o momento destes 15 anos do PNUM e sua importante correlação com a exploração crescente e necessária de sua diversidade, tanto em relação aos objetos de pesquisa, quanto aos pesquisadores e suas nacionalidades. Tal diversidade é considerada um marco temporal que entrelaça o PNUM 2025 com as edições de 2024, em Belém, e aquela que se realizará em 2026, em Niterói. Oliveira já enfatizava, em 2025, a importância dessa diversidade na escolha da nacionalidade dos oradores convidados, nas seções especiais e seus conteúdos investigativos e nas sete e desafiadoras linhas temáticas propostas no evento: coesão territorial, alterações climáticas, transição digital, densificação urbana, metodologias, ensino e temas emergentes.

Em relação às visitas técnicas, o relatório de Marcello Gaiani Bragatto intitulado “Do porto vamos às “ilhas”: uma incursão em habitação social portuense no 13º PNUM”, apresenta aspectos históricos e contextuais da visita guiada às “ilhas”, uma tipologia habitacional informal composta de pequenas moradias dispostas ao longo de um corredor comum, configuração resultante de demanda habitacional operária no século XIX, no centro do Porto. A visita evidenciou “ilhas” reabilitadas e em processo de reabilitação, histórias de resistência à pressão imobiliária e a própria pressão do turismo, que transforma territórios em atrações e ameaça sua função social original.

Já o relatório intitulado “Leituras urbanas: explorando a morfologia histórica do Porto”, de Danielle Reis, José Landy Giorio do Vale,

Luiz Rocha, Alain Flandes, Giselle Arteiro Nielsen Azevedo e Vera Regina Tângari sintetizam o percurso ao centro do Porto, cujos aspectos históricos, evolutivos e arquitetônicos ocorridos ao longo do tempo puderam ser apreendidos. Em uma narrativa que articula momentos de escuta, observação e trocas, o passeio toma como parada, ruas, praças, largos e miradouro, enfatizando a importância da vivência urbana como aprendizagem coletiva e individual.

Ainda na seção Relatórios, a professora Staël de Alvarenga Pereira Costa, atual presidente do PNUM, contextualiza a criação da Rede Mineira de Morfologia Urbana (RMMU), instituída em dezembro de 2024 com o objetivo de reunir pesquisadores e divulgar estudos sobre as formas urbanas de Minas Gerais a partir de seus aspectos históricos, culturais, geográficos e sociais. Formada por 30 membros de diferentes faculdades de Arquitetura e Urbanismo, a Rede realizou seu 1º Encontro em julho de 2025, na Universidade Federal de Minas Gerais, reunindo apresentações de atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas em universidades mineiras e paulistas. O evento também promoveu um fórum voltado à construção das bases conceituais e operativas do Atlas Morfológico de Minas Gerais. As apresentações reforçaram uma leitura multiescalar do território mineiro, articulando diferentes níveis de análise e apontando o Atlas como um importante instrumento cartográfico e interpretativo para a compreensão da Morfologia Urbana do estado.

A seção **Resenhas** acolhe, na capital capixaba, a segunda publicação de Flávia Botechia vinculada à sua tese, lançada em 2024: *A longevidade da forma urbana*. A obra, resenhada por Eneida Maria Souza Mendonça, distingue-se da anterior, de caráter mais empírico, pela ênfase teórica e metodológica que sustenta e qualifica a leitura das evidências empíricas discutidas na sequência. Destaca-se o uso de sínteses em diagramas, que evidenciam a abrangência da bibliografia e a estratégia didática que articula suporte teórico-conceitual à formulação metodológica e à aplicação prática e interpretativa, consolidando o livro como uma relevante publicação brasileira.

A seção **Lançamentos** divulga o livro *On New York's ground: dense, diverse and sustainable* por, de Vítor Oliveira, publicado em 2025. Tendo como objeto empírico a cidade de Nova York e sua singular dinâmica contemporânea, o autor aborda as relações dialógicas dos aspectos bidimensionais entre si, e destes, afetando tanto a tridimensionalidade do tecido urbano, quanto a diversidade social, econômica e ambiental das cidades, sob o ponto de vista da sustentabilidade: uma abordagem científica que traz subsídios para análise das cidades do passado, do presente e do futuro.

A seção **Notícias** tem viagem com local e data marcada: Rio de Janeiro, entre 9 e 11 de setembro de 2026. A 14ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM 2026), com o tema “Periferias Centrais e Morfologias Urbanas Brasileiras”, propõe uma abordagem histórica e contracolonial da produção do espaço urbano, destacando as periferias como agentes centrais na construção de epistemologias e dinâmicas urbanas. Organizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o evento contará com sessões temáticas estruturadas em três eixos:

paisagens racializadas, espaço-temporalidades e disputas por direito.

A **Seção especial**, com editorial de autoria de David Leite Viana, Susana Milão, Telma Ribeiro, Alberto Lima, Amaro Mendonça, Ana Mélice Dias, Lais Bertolino e Sílvia Spolaor, apresenta comentários de nove artigos selecionados entre as sete linhas temáticas estudadas na 13ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2025. Na verdade, estes trabalhos bem representam caminhos de aproximar a morfologia do ordenamento dos territórios e sua necessária correlação com aspectos sociais inerentes, e também aqueles de caráter ambiental e tecnológico.

Por fim, registramos nosso agradecimento aos autores, pesquisadores e pareceristas que construíram, conosco, a edição 13.2 da RMU, sedimentando as relações de troca e as experiências que permeiam a produção do conhecimento científico, bem como o fortalecimento e o avanço da Morfologia Urbana como campo de estudo.

Convidamos os leitores a viajar, descobrir novos lugares e construir memórias para a vida! Vamos?